

AS OCLUSIVAS DO IDIOMA COREANO: UMA SIMBOLOGIA TRIPARTIDA

*Diego Jiquilin Ramirez**

Resumo: Utilizei-me da fonética acústica, neste trabalho, para caracterizar a distinção fonêmica nas séries de oclusivas da língua coreana. Diferentemente do português, em que uma oclusiva de uma mesma série, i.e. de um mesmo ponto de articulação, difere-se por ser mais ou menos vozeada, para o coreano este parâmetro não é produtivo, ocorrendo uma distinção tripartida. Assim, constatei que e as três classes de oclusivas do coreano são: alenis, a fortis (tensa) e uma terceira aspirada e, de acordo com o sugerido pelo ensaio intitulado “Acoustic and aerodynamic correlates to Korean stops and fricatives” de Cho, T.; Ah-Jun, S. e Peter Ladefoged, tal diferenciação se dá através de dois parâmetros acústicos: uma medida de VOT (Voice Onset Time) e outra da frequência fundamental. O corpus foi coletado e gravado no Laboratório de Fonética e Psicolingüística (LAFAPE-IEL/UNICAMP) a partir da fala de um coreano nativo e as conclusões foram obtidas por meio da análise espectrográfica dos mesmos. Inclui também neste trabalho uma breve história do coreano, informações sobre a origem do informante, ilustrações espectrográficas e o que diz a atual literatura a respeito das maneiras de caracterização destas oclusivas.

Palavras-chave: Coreano; oclusivas lenis, fortis e aspirada; Fonologia de Laboratório

Abstract: Throughout the Laboratory Phonology, I perform a brief investigation about the stops phonemes in Korean language. Differently from the most part of languages, the phonemes are characterized by the mode, by the articulation point and by sonority of their segments, Korean language puts away some of those possibilities and includes others. In this paper, I point out the stops throughout two acoustic parameters: the fundamental frequency (f0) and the duration. This task is a visit Brazilian Linguistics pays to the Korean Phonetics and Phonology.

Keywords: Korean language; lenis, fortis and aspirated stops; Laboratory Phonology

1) Introdução

Quando surge a lingüística, enquanto ciência, com Saussure, nasce também uma dúvida que, até os nossos dias, se mostra de um esclarecimento categórico difícil: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da lingüística?” (*Curso de Lingüística Geral*, p. 15).

O suíço, na busca de uma resposta, caminha por inúmeros terrenos que desembocam numa série de outras ciências que não a lingüística: a sociologia, a

* Graduado em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas

fisiologia, a física acústica, etc. O que verificamos é que todas elas, e inclusive o que não é ciência (como a dança e a música), de certa forma, tangem algo sobre linguagem. Este é o meio com que lida a lingüística: existe linguagem desvencilhada de outras ciências e áreas?

Por possuir tal característica heteróclita, a linguagem permite que a estudemos sob diversas facetas.

Neste trabalho, proponho-me a ir até ao que é de todo concreto e físico para compreender fenômenos que contribuam ao conhecimento lingüístico: ater-me-ei aos sons da fala e farei uso da fonética acústica.

Analisarei um evento corrente na língua coreana, a distinção entre três tipos de oclusivas.

2) Do coreano

Segundo Chang (1996), o coreano, quanto a afiliações genéticas, é uma língua de parentesco indeterminado, há hipóteses de que sua origem seja comum à das línguas altaicas, como o mongol, o turco e o manchu-tungus, mas tal suspeita é muito pouco comprovável, já que a escrita coreana é de criação recente, e a escrita é uma das formas em que se baseiam os lingüistas históricos para remontar o passado de um idioma. Desse modo, tal realidade acaba por deixar poucas pistas sobre como seria o idioma falado em épocas remotas.

De fato, a língua é historicamente dividida em três estágios: o coreano antigo (a partir do séc. XI), o médio coreano (a partir do século XVII) e o coreano moderno.

Resquícios do coreano antigo são encontrados gravados em caracteres ideogramáticos dos chineses, mas esses rastros são insuficientes para que uma reconstrução fonética seja estabelecida, dado que os ideogramas não são baseados na sonoridade da língua. O Hangul, atual sistema de escrita do coreano, é uma criação do rei Sejong da Dinastia Yi (1392-1910), proposta em meados do séc. XV, e guarda certos indícios do médio coreano.

O sistema de sons do médio coreano contava com 22 consoantes e sete vogais, em oposição ao coreano moderno que possui 19 consoantes e 10 vogais. (...)

O médio coreano também tinha um sistema de *pitch accent* com três tipos de acentos: *high*, *rising* e *low*. Tal sistema foi perdido no coreano moderno exceto em alguns dialetos da província de Kyengsang; o acento *rising* é substituído pelo *lengthening* (Chang, 1996, p. 01, tradução minha)¹.

1. No original: "The sound system of Middle Korean had 22 consonants and seven vowels; in contrast, that

Hoje o coreano é a língua nativa de cerca de 65 milhões de pessoas na Península Coreana e de quase cinco milhões de coreanos espalhados pela China, América, Japão e Rússia.

3) Do Trabalho

Como já afirmado, averiguarei um fenômeno relativo às oclusivas. Os pontos de articulação das oclusivas coreanas são o bilabial, o dente-alveolar e o velar.

Diferentemente do português, em que há uma distinção fonêmica entre uma oclusiva surda e outra sonora (haja vista a distinção entre pomba-bomba/ tato-dado/ calo-galo), o coreano não faz tal distinção a sonora ocorre como alofone, o contraste se dá de outra maneira: existe a diferença entre as oclusivas denominadas pela corrente literatura de **lenis**, **fortis** e **aspirada**.

De acordo com Taehong Cho, Sun Ah-Jun & Ladefoged no ensaio *Acoustic and aerodynamic correlates to Korean stops and fricatives*, os sons respectivos são caracterizados da seguinte forma:

The lenis stops have been described as lax, breathy, and slightly aspirated, the fortis stops as tense, laryngealized, and unaspirated, and the aspirated stops as being strongly aspirated (p. 109).

Acusticamente, utilizei-me de dois parâmetros de modo a caracterizar cada classe de oclusivas.

Com a medida de VOT (*Voice onset time*) pude distinguir uma oclusiva lenis de uma oclusiva aspirada, mas este parâmetro unicamente não valeu para uma comparação entre estas e a fortis, uma vez que a medida não é produtiva para fortis. Por isso, e baseado nas pistas oferecidas pelo ensaio supracitado, comparei os f0s de cada modo específico, o que trouxe resultados complementares e satisfatórios para a análise.

4) Do corpus

O *corpus* foi coletado e gravado no Laboratório de Fonética e Psicolinguística (Lafape) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – Unicamp, e consta de um pequeno conjunto de palavras que são pares mínimos.

of Modern Korean has 19 consonants and 10 vowels. (...) Middle Korean also had a pitch accent system—with three types of pitch: high, rising, and low. The pitch system is lost in Modern Korean except for some dialects in Kyongsang Province; the rising pitch is generally replaced by lengthening”.

A palavra-alvo, a de interesse para o estudo, foi distribuída dentro de uma frase-veículo de modo a deixá-la descarregada do peso de um enunciado. A frase traduzida ao português seria *Fale assim: _____*, no espaço vazio viria a palavra desejada. O enunciado tem este formato porque, sendo o coreano uma língua de caso morfológico manifestado, se puséssemos a palavra em outra posição lhe seria acrescentado um marcador morfológico. Como buscava a forma mais simples da palavra optei por esta frase.

Para o contraste da oclusiva bilabial escolhemos as seguintes palavras²:

[paɾi̯'da]	– ‘ser correto, pastar, colar’
[p'arɿ'da]	– ‘ser rápido’
[pʰi'da]	– ‘florescer’
[p'i'da]	– ‘deslocar, torcer’

Figura 1: Tabela contendo exemplos das oclusivas lenis, fortis e aspirada no ponto bilabial

Para as denti-alveolares foram utilizadas:

[taɾi̯'da]	– ‘ser diferente’
[t'arɿ'da]	– ‘seguir, ir com’
[tʰa'da]	– ‘montar, subir, queimar, misturar’
[t'a'da]	– ‘pegar, colher’

Figura 2: Tabela contendo exemplos das oclusivas lenis, fortis e aspirada no ponto denti-alveolar

Na série das velares, temos:

2. Para a oclusiva lenis utilizei o símbolo fonético [ɱ], para a oclusiva fortis [ɱ̥] e para a oclusiva aspirada [ɱʰ]. Com os mesmos diacríticos para as outras séries.

[katʃi]	- 'avaliar, valor'
[kʰatʃi]	- 'pegar'
[kʰad̥i]	- 'cartão'
[kada]	- 'ir'
[kʰada]	- 'descansar'
[kʰida]	- 'é grande'

Figura 3: Tabela contendo exemplos das oclusivas lenis, fortis e aspirada no ponto velar

O informante tem 32 anos e vive há cinco anos no Brasil, sendo proveniente de Incheon, da Província de Kyunggi, localizada ao norte da Coreia do Sul, próxima à capital Seul.

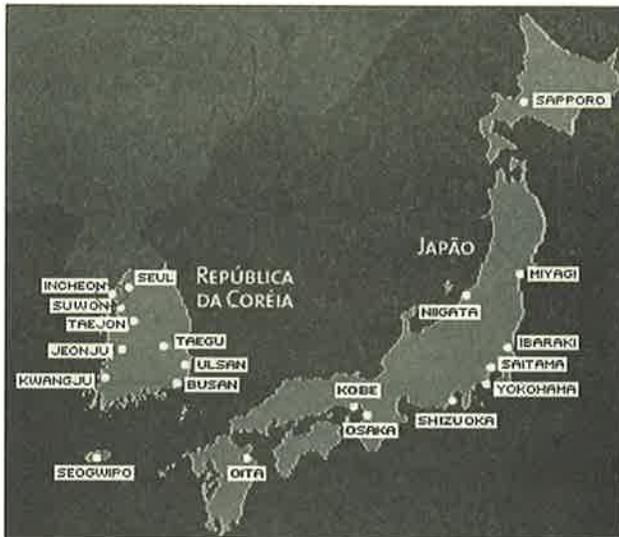


Figura 4: Mapa da Coreia do Sul e do Japão em proporção, mostrando a proximidade da cidade natal de nosso sujeito, Incheon, de Seul, a capital sul-coreana.

5) Das análises

A *lenis* coreana, conforme descrito anteriormente, tem como uma de suas características ser levemente aspirada. De fato, se compararmos a *lenis* coreana com a oclusiva que equivale em mesmo ponto de articulação em português, teremos a impressão de que se trata de uma *oclusiva aspirada*, porque, na verdade, a medida de VOT das oclusivas do português é muito mais curta que as do coreano. No entanto, se analisarmos a *aspirada* coreana, de fato, notaremos uma enorme diferença entre esta e as oclusivas portuguesas; visto que a *lenis* já se apresentava como algo deveras distinto, a *aspirada* passa à categoria de extraordinário.

De maneira geral, podemos afirmar que, numa escala crescente de medidas de VOT, as *oclusivas fortis* apresentam um pequeno intervalo de medida de tempo, em seguida vem a *lenis*, com uma medida grande e por último a *aspirada* com uma medida ainda maior.

Abaixo seguem os VOTs para o 'p' que serve de exemplo para as demais séries³.

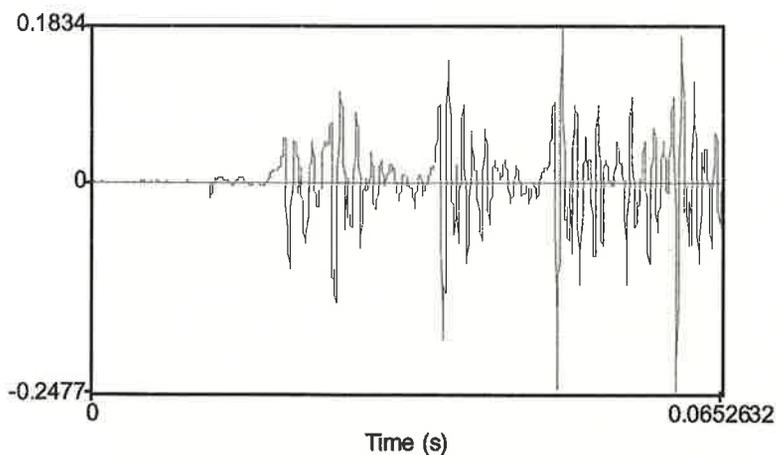


Figura 5: Medida de VOT para a oclusiva fortis [p'a]

3. Os VOTs não estão na mesma proporção, mas as diferenças são perceptíveis se observarmos o eixo do tempo.

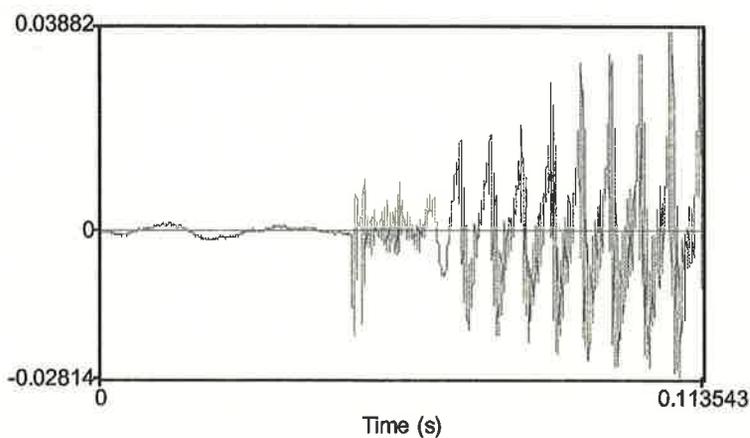


Figura 6: Medida de VOT para a oclusiva fortis [p'i]

É notável que o tempo de *burst* seja relativamente pequeno.

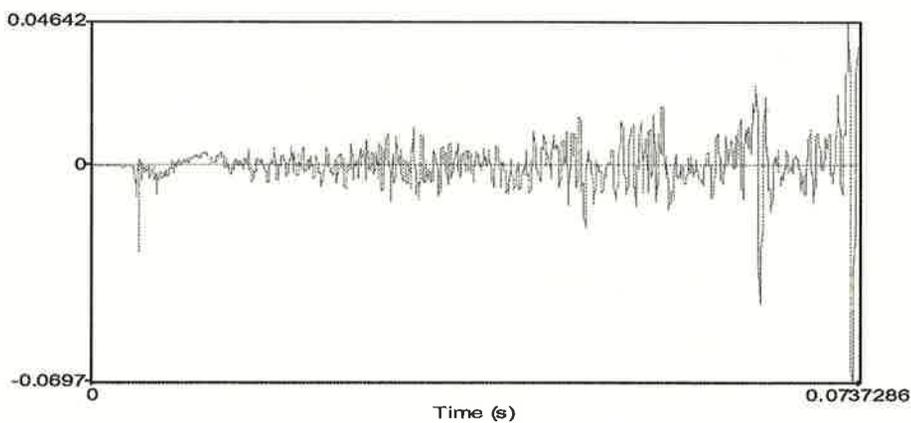


Figura 7: Medida de VOT para a oclusiva lenis [pa]

Aqui podemos perceber que o *burst* já se mostra maior em comparação com a *fortis*.

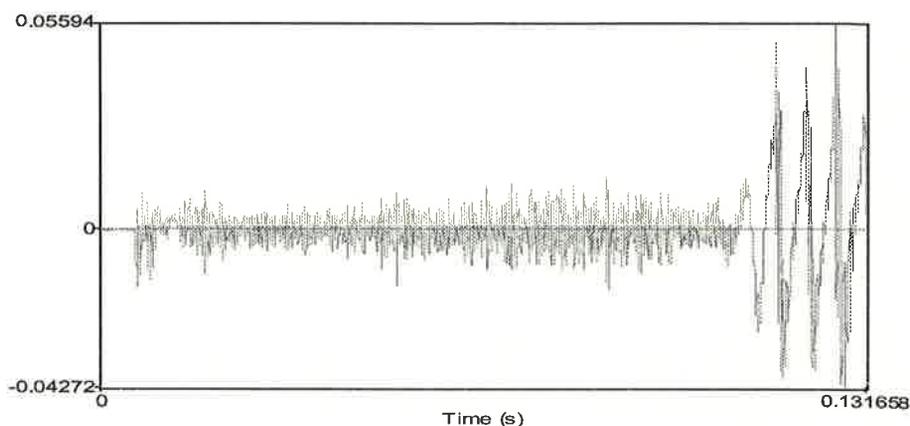


Figura 8: Medida de VOT para a oclusiva aspirada [pʰi]

/k/	/k/
- <u>aspirada</u> é 641,66% maior que a <u>fortis</u>	- <u>aspirada</u> é 690,32% maior que a <u>fortis</u>
- <u>lenis</u> é 337,91% maior que a <u>fortis</u>	- <u>lenis</u> é 534,42% maior que a <u>fortis</u>
- <u>aspirada</u> é 69,36% maior que a <u>lenis</u>	- <u>aspirada</u> é 24,57% maior que a <u>lenis</u>

/p/
- <u>aspirada</u> é 1263,42 % maior que a <u>fortis</u>
- <u>lenis</u> é 553,97% maior que a <u>fortis</u>
- <u>aspirada</u> é 108,48 % maior que a <u>lenis</u>

/t/
- <u>aspirada</u> é 738,49 % maior que a <u>fortis</u>
- <u>lenis</u> é 320,24 % maior que a <u>fortis</u>
- <u>aspirada</u> é 99,53 % maior que a <u>lenis</u>

Em contrapartida, se, por um lado, percebemos que o duo *aspirada e lenis* é evidentemente expressivo quanto às medidas de VOT, por outro, não é interessante enquanto medida característica de *fortis*.

Assim, uma análise de f0 suplementou a definição do quadro composto pelo trio de oclusivas; desta vez o duo significativo para esta medida é entre

fortis e *aspiradas*. As duas primeiras têm seus f_0 s altos, enquanto *lenis* tem um f_0 caracteristicamente baixo.

Vejam os espectrogramas em que constam as três classes de oclusivas e seus f_0 s:

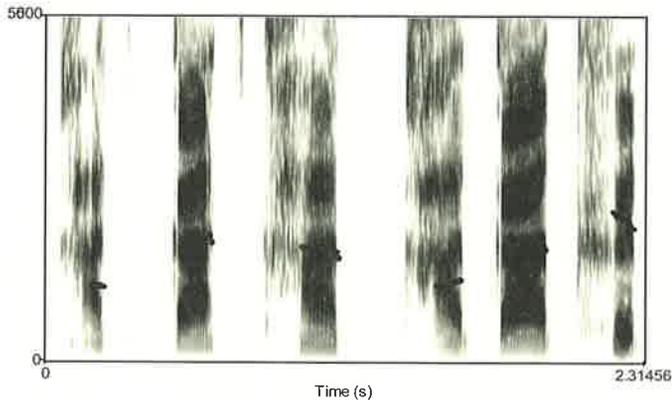


Figura 9: Espectrograma das três oclusivas lado a lado.

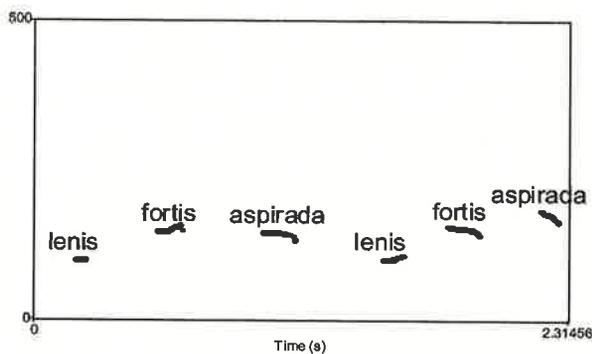


Figura 10: Frequência Fundamental das oclusivas no espectrograma

De modo geral a *oclusiva aspirada* apresentou uma frequência fundamental (f_0) mais alta que a das demais oclusivas, mas não muito distante é a frequência encontrada na *fortis*, enquanto a da *lenis* encontra-se num nível baixo.

Os gráficos a seguir demonstram tais diferenças para todas as palavras em estudo:

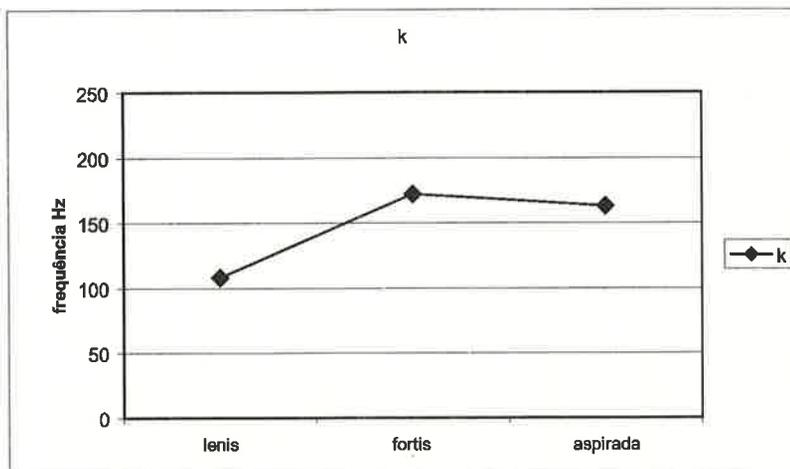


Figura 11 (gráfico 1): neste caso, a *fortis* é maior que a *aspirada*.

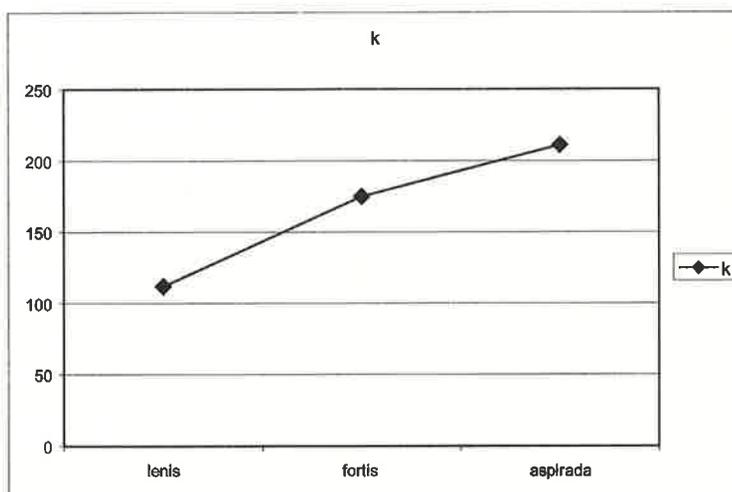


Figura 12 (gráfico 2): aqui podemos notar que a *aspirada* é bem maior que a *lenis*

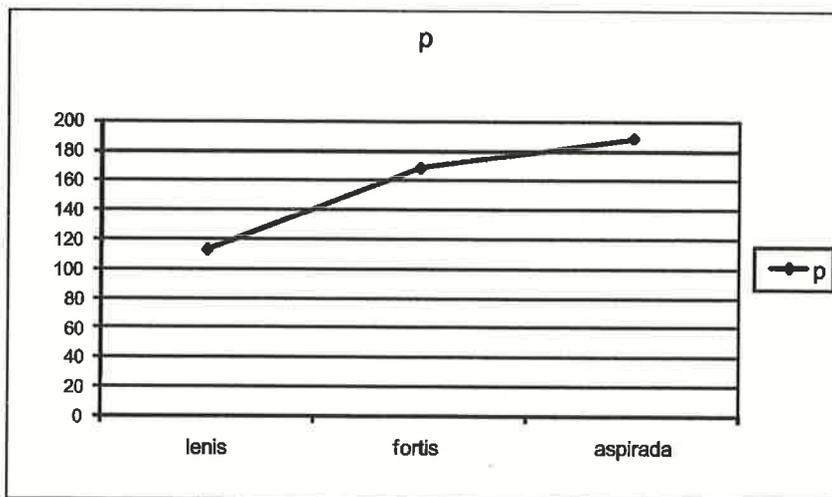


Figura 13 (gráfico 3): oclusiva [p]

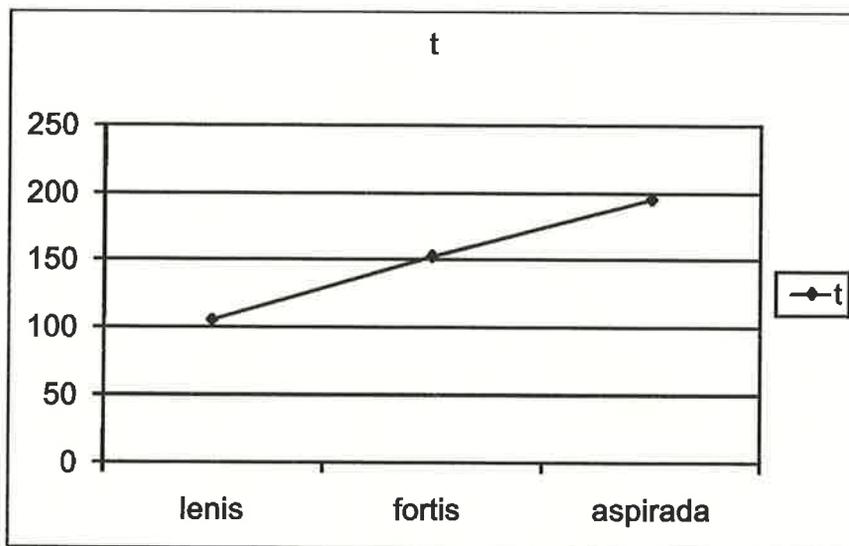


Figura 14 (gráfico 4): oclusiva [t]

Os gráficos acima foram elaborados segundo as médias feitas dos valores de f0, que foram:

	Lenis	Fortis	Aspirada	
[k]	111.80 103.58 103.14 112.3 108.74 107.99 108.22 108.02 107.28 <hr/> 107.9	172.2 170.17 169.65 169.42 169.03 169.32 170.3 173 176.81 178.5 178.34 179.18 <hr/> 172.11 172.93	167.71 166.19 166.26 165.57 164.95 165.68 166.28 166.31 165.74 164.26 163.43 162.69 161.9 160.74 158.13 <hr/> 148.98 <hr/> 163.43	Gráfico 1
K	110.1 109.77 109.35 109.39 110.53 111.23 113.1 115.54 116.64 <hr/> 118.62 112.43	182.69 179.75 178.5 178.05 177.41 176.85 176.87 176.72 176.3 176.17 173.5 172.78 171.38 169.71 <hr/> 164.59 175.42	218.77 216 211.58 210.02 208.77 206.97 <hr/> 203.88 210.86	Gráfico 2
P	113 113.32 113.37 113.94 113.87 112.71 111.78 111.25 <hr/> 112.04 112.81	169.06 169.47 169.75 169.24 167.09 <hr/> 163.69 168.05	194.5 195.2 194.45 192.82 190.17 188.43 186.84 185.06 182.86 <hr/> 173.56 188.39	Gráfico 3

P		189.59 179.37 178.13 177.56 176.7 177.56 178.55 178.96 178.83 178.95 179.38 179.08 177.47 <hr/> 179.24		
T	108.86 108.55 107.75 100.19 100.30 110.26 110.17 <hr/> 100.82 105.86	175.3 161.15 155.23 152.8 147.99 145.22 144.79 146.23 147.4 150.35 <hr/> 151.75 152.56	215.99 192.86 192.38 192.62 191.7 190.25 <hr/> 188.19 194.86	Gráfico 4
T		166.73 166.37 165.9 164.56 163.2 162.6 161.71 160.66 159.9 159.04 157.27 <hr/> 155.68 161.97		

Há ainda alguns estudos técnicos que se utilizam de outros parâmetros para caracterizar este trio de oclusivas.

No artigo de Taehong Cho, Sun Ah-Jun & Ladefoged (*op. cit.*), os autores apontam os seguintes estudos:

C. Kim (1970), através de evidências cineradiográficas, constatou que a abertura glotal é maior para as *oclusivas aspiradas*, intermediária para a *lenis* e menor para a *fortis*, concluindo, assim, que o grau de aspiração é diretamente proporcional ao grau de abertura da glote no tempo de soltura da oclusão oral. Kagaya (1974), num estudo fibroscópico, descobriu que a *fortis* aproxima as pregas vogais logo após a soltura articulatória, enquanto a glote é completamente aberta para a *lenis* no tempo de soltura, mas não tão larga como para o tempo de soltura da aspirada. Mais recentemente esta constatação foi confirmada por Jun, Beckman & Lee (1998) com outra análise fibroscópica.

Hirose et al. (1974) constataram, através de exames de Eletromiogramas (EMG) (que medem as atividades intrínsecas aos músculos da laringe), que a *fortis* é caracterizada pela forma crescente nas atividades da tiroaritenóide antes da soltura da oclusiva, o que resulta no aumento da tensão das pregas vocais e da constrição da glote durante ou imediatamente depois da oclusão da oclusiva. Nas aspiradas, todas as atividades do músculo adutor da laringe são suprimidas imediatamente depois da soltura articulatória. Já para as *lenis*, em comparação às *aspiradas*, não é significativa a supressão do músculo adutor, assim como não há um aumento de transiente nas atividades da tiroaritenóide antes da soltura articulatória.

Mais recentemente, Dart (1987) pesquisou as diferenças entre as propriedades aerodinâmicas das *oclusivas fortis* e *lenis*. A pesquisadora mediu a pressão de ar intra-oral e o fluxo oral para os dois tipos de oclusiva em posição pré-vocálica e concluiu que a *fortis* tem uma pressão intra-oral mais forte antes da soltura, e um fluxo de ar baixo depois da soltura.

6) Dos fins

Fui até o campo da fonética acústica e demonstrei através de dois parâmetros, VOT e f0, como o trio de oclusivas coreanas poderia ser caracterizado.

Não é objeto da física acústica investigar a linguagem, mas para entendê-la de forma científica é preciso compartilhar de seus conhecimentos e aplicá-los à lingüística que, por sua vez, sim, tem como objeto a linguagem.

7) Bibliografia

CHANG, Suk-Jin. *Korean: London Oriental and Africa language library*. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data: 1996.

CHO, T., AH-JUN, S. & LADEFOGED. *Acoustic and aerodynamic correlates to Korean stops and fricatives*. S.d.l.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, 1970

TATSUZÔ ISHIKAWA: UM OLHAR JAPONÊS SOBRE A EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

Mônica Setuyo Okamoto **

Janete Leiko Tanno **

Resumo: Este artigo intenciona analisar o romance social japonês *Sôbô*, de Tatsuzô Ishikawa. O autor conta a história dos imigrantes japoneses que vieram ao Brasil em 1930. Tentar-se-á reconstruir as imagens que os japoneses tinham do Brasil e da sociedade brasileira antes da chegada, e a relação com os esforços do governo brasileiro e japonês para criar uma imagem positiva do país receptor.

Palavras-chave: literatura, história, imigração japonesa.

Abstract: This article intends to analyze the social Japanese novel *Sôbô*, by Tatsuzô Ishikawa. The author tells us the story of Japanese immigrants who came to Brazil in 1930. We will try to recover the images that Japanese people had on Brazil and Brazilian society before arriving here, and the relation with the efforts of Brazilian and Japanese governments to create a positive image on receptor country.

Keywords: literature, history, Japanese immigration.

Introdução

Não há como não lembrar, ao folhear os jornais e revistas brasileiros de grande circulação, a comemoração do centenário da imigração japonesa para o Brasil. O ano de 2008 traz um pouco do passado japonês em terras brasileiras. Por essa razão, escolhemos trabalhar, neste artigo, a temática da imigração japonesa ficcionalizada pelo jornalista e escritor japonês Tatsuzô Ishikawa (1905-1985) no romance: *Sôbô – Uma Saga da Imigração Japonesa*. O objetivo é dar uma nova abordagem ao tema, fugindo um pouco das clássicas análises historiográficas que tratam das dificuldades de adaptação sofridas pelos imigrantes no Brasil e seus problemas econômicos e sociais em meio ao árduo trabalho nas lavouras de café. Nossa proposta é voltar um pouco mais no tempo — pois sabemos que o processo

* Mônica Setuyo Okamoto. Professor Assistente da Área de Japonês, da UNESP – Assis e doutoranda do curso de Letras (Língua e Literatura Francesa) – FFLCH/USP.

** Janete Leiko Tanno. Professor colaborador da Área de Japonês, da Unesp – Assis e doutora em História.

de imigração japonesa inicia-se anteriormente a esses fatos — e analisar as imagens que os japoneses fizeram do Brasil e dos brasileiros antes de desembarcarem no porto de Santos. Interessa, ainda, relacionar tal temática às representações criadas pelo governo e pelas companhias japonesas de emigração sobre o Brasil e sobre o imigrante, e os sentimentos dos japoneses ao perceberem que as imagens veiculadas nem sempre correspondiam à verdade. Enfim, entrelaçando história e literatura do período de 1920-1930, pretendemos ampliar as discussões acerca da imigração japonesa.

O romance *Sôbô* e o processo de transculturação dos imigrantes japoneses

O forte discurso racial e a expansão econômica ocidental sobre o Japão, nas primeiras décadas do século XX, levaram escritores japoneses a refletirem sobre a condição do “Outro” e a capacidade deles de aceitar novas formas de alteridade. Entretanto, o povo nipônico, defensor de sua individualidade, sentia uma inquietação quanto a essa questão. Aliás, não só os japoneses, mas também grande parte da Europa que, desde o século XIX, havia mergulhado no sentimento nacionalista, um sintoma romântico que, no século seguinte, tomou uma feição autoritária.

Ainda sob a influência dos resquícios do Romantismo, o estudante de Letras Tatsuzô Ishikawa resolve viajar para o Brasil como imigrante no ano de 1930. O jovem Ishikawa tinha curiosidade de conhecer outras terras e almejava navegar por mares estrangeiros. No entanto, a juventude e os sonhos de grandeza desse escritor se desmoronaram frente à miséria de outros imigrantes japoneses, em sua maioria trabalhadores rurais; uma faceta desconhecida pelo autor que vivia uma realidade completamente diferente em Tóquio. Ao se deparar com aquela situação, sentiu imediatamente necessidade de registrá-la. Ishikawa retornou ao Japão, após um ano de estada na América do Sul¹, e lançou em 1933 o romance social *Sôbô*, inspirado em sua experiência de viagem. Dois anos mais tarde, em 1935, a obra foi laureada com o 1º Prêmio Akutagawa de Literatura. A experiência parece marcar profundamente as convicções sociais de Tatsuzô, que se posiciona de forma irônica e pessimista quanto à condição do Japão face às potências ocidentais que manipulavam não só a economia mundial, como também os discursos morais e raciais.

É interessante iniciar a análise de *Sôbô* pelo próprio título, cuja tradução é bastante complexa, por conta dos inúmeros significados dos ideogramas utilizados pelo autor. Uma das interpretações possíveis é de erva daninha ou capim, ou seja, uma expressão irônica lançada sobre os emigrantes japoneses que representavam a classe pobre e indesejada, da qual o governo japonês e parte da própria sociedade nipônica queriam livrar-se. A idéia é associar a imagem dos emigrantes às “ervas

1. O autor também viaja, por um curto período de tempo, a outros países da América do Sul.

daninhas”, as quais, mesmo sendo arrancadas de suas raízes, costumam renascer em outro ambiente, por mais inóspito que ele seja.

O romance é dividido em três partes. A primeira, *Sôbô*, trata do período em que os emigrantes permanecem na hospedaria de Kobe para receber as instruções sobre a viagem e o trabalho no país receptor, e realizar os exames necessários solicitados pela vigilância sanitária. A segunda parte, *Rota dos Mares do Sul*, tem como foco o cotidiano da viagem de navio cuja duração é de 45 dias e, por último, a mais curta delas, *Um Povo sem Direito a Voz*, narra a chegada dos emigrantes ao Brasil, a breve estada deles na hospedaria do porto de Santos e o começo de uma nova vida, para alguns na fazenda Santo Antônio, local onde o autor foi escalado para trabalhar.

O romance mostra a constante mudança de comportamento e pensamento dos emigrantes japoneses, ocasionada pela transculturação que ocorre ao longo da viagem de navio. Quanto mais os emigrantes se afastavam da terra natal, mais eram envolvidos pelos elementos externos que transformavam seus padrões culturais. Da mesma forma, as imagens do Brasil começavam a tomar novas feições, não só pelas informações fornecidas pelas companhias de emigração e por outros imigrantes que viajavam pela segunda vez ao distante país da América do Sul, mas pela mudança no interior do próprio emigrante que partia sem saber quando ou se algum dia voltaria.

A história tem início em março de 1930 na cidade de Kobe, onde a todo momento chegavam pessoas de várias partes do Japão, carregando enormes bagagens e muitas esperanças de uma vida melhor no exterior. O mar cinzento, o navio e o som do cais são elementos significativos na vida e no imaginário dos emigrantes. Segundo Boris Fausto (1998), na época de grandes migrações mundiais, a viagem marítima era para o imigrante um marco em sua vida. A partida era um momento de abandono de seu passado e a chegada, de temores e esperanças. Uma das personagens marcantes do romance é uma mulher de 23 anos chamada Onatsu. Ela representa de maneira evidente essa ruptura com o passado ao largar trabalho, namorado e toda sua vida no Japão, a fim de realizar o desejo de seu irmão mais novo de se tornar imigrante. Onatsu é um exemplo de transculturação dentro da obra, pois, à medida que se afasta do Japão, ela vai se adaptando e incorporando idéias advindas de sua nova realidade. O Brasil passa a ter um significado real para ela ao chegar à fazenda, um sentido, talvez, prático de sobrevivência em terra estrangeira. Ela era uma das poucas pessoas dentro do navio que não acalentavam sonhos e expectativas com relação ao Brasil, tampouco medo ou receio.

Por meio de seus personagens, o autor também aborda questões comuns que cercavam a emigração para o Brasil, como, por exemplo, a formação, por conveniência, de famílias com, pelo menos, três adultos para o trabalho nas lavouras;

o medo dos emigrantes de serem reprovados no exame médico realizado na hospedaria de Kobe, atendendo às exigências do governo brasileiro, que proibia a entrada de portadores de doenças contagiosas, de dementes e, ou inválidos, segundo a lei federal de abril de 1907 que regulamentava a entrada de imigrantes no país (NOGUEIRA, 1973), além de outras revelações não privilegiadas pela historiografia, como a corrupção, o contrabando e o enriquecimento ilícito de pessoas ligadas às companhias de emigração japonesa e à fiscalização brasileira.

É interessante observar que o autor, ao narrar as precárias condições de conforto e higiene do alojamento em Kobe e dos dormitórios no navio e a má qualidade da comida servida aos emigrantes, sempre coloca, ironicamente, na fala de um de seus personagens o dever de gratidão para com o Imperador, pela passagem e comida gratuita que estavam recebendo. Eles seriam privilegiados, visto que muitos nem sequer puderam emigrar. Esse era um dos discursos de contenção de revoltas mais fortes utilizados pelas companhias de emigração. Naquela época, a figura do Imperador japonês possuía ainda uma conotação divina para o povo nipônico.

No romance as tendências socialistas de Ishikawa ficam explícitas quando é denunciado o favorecimento às elites japonesas durante a crise econômica pela qual o país passava nas décadas de 1920-1930 e exposta a miséria a que a maioria da população estava sujeita. O personagem Oizumi, ao ser escalado para trabalhar na cozinha do navio durante sua viagem ao Brasil, descobre as diferenças sociais existentes dentro da própria embarcação, e conscientiza-se de sua condição social. O autor trabalha essa questão de forma metafórica, mostrando que os japoneses do meio rural precisavam tomar consciência da existência de uma estratificação social e, principalmente, saber a posição por eles ocupada. O sr. Oizumi, pela primeira vez em sua vida, se dá conta de sua posição social dentro da sociedade não só japonesa, mas mundial, como veremos em sua confissão abaixo:

Eu levei um susto hoje, (...) no final da tarde, quando me mostraram o tamanho da geladeira, que era equivalente a três salas de oito tatames. Com prateleiras penduradas dos dois lados, havia de um lado, verduras frescas e, do outro, umas cento, não, cento e cinquenta ou cento e sessenta aves depenadas, parecia uma montanha de frangos. Havia também tartarugas amontoadas e, no fundo, peças inteiras de vaca, enormes, como se tivessem juntado umas quatro ou cinco casas de carne. Constatei com isso que nós, imigrantes subsidiados, não temos os mesmos direitos que o restante dos passageiros. É muito luxo! Por exemplo, mesmo a cebolinha, a melhor parte vai para a primeira classe, depois para os funcionários do navio, nós ficamos com os restos. De fato, nós não somos considerados gente! (ISHIKAWA, 2008, p. 167).

Entretanto, a descoberta de tamanha diferença social, ao invés de gerar protestos por mudanças, leva o sr. Oizumi a um comportamento de total passividade. O emigrante fecha os olhos e se afoga na bebida na esperança de ignorar tudo aquilo e voltar a ser feliz, como era antes de tomar consciência de sua real posição na escala social.

Dentro do sistema capitalista vigente na época, o fenômeno da emigração tornara-se uma realidade que favorecia as necessidades de um mercado que já se tornara mundial, no qual a demanda dos países receptores de mão-de-obra se combinava à oferta de outros. Nesse contexto, os interesses do Brasil e do Japão encetaram a primeira experiência imigratória, com êxito, em 1908. Quais imagens os japoneses tinham do Brasil que os levavam a se arriscarem numa viagem tão longa e de resultados ignorados?

O imaginário japonês sobre o Brasil

A historiografia que trata da temática explica que a vinda dos japoneses para o Brasil está ligada, entre outras coisas: à falta de mão-de-obra nas fazendas de café, à proibição de entrada dos imigrantes japoneses nos EUA, ao aumento populacional no Japão e à pobreza que grassava na sociedade do Extremo Oriente. Além disso, a especulação financeira aliada ao favorecimento às elites empresariais, a má administração governamental e a corrupção no Japão pioravam a situação dos menos favorecidos. Outro personagem de Ishikawa mostra a situação dramática vivida pelos trabalhadores rurais no Japão:

No Japão há mais de dois milhões de criadores de bicho-da-seda. A política do ministério está sacrificando todos eles, que estão com extrema dificuldade! Desse jeito como é que se pode estabelecer um sistema de economia agrícola? Falar de política de contenção é bom, mas quem é que vai receber esses benefícios? Será que algum agricultor irá se salvar? Será que os agricultores vão poder passar, pelo menos, um dia menos árduo? (...) diga-me por que é que estão aqui mais de mil emigrantes; isso, por si só significa que os agricultores não conseguem sobreviver. O fato de os produtores rurais não poderem sobreviver indica, desde o princípio, que os políticos estão tratando-os como bobos. Fornecer duzentos ou trezentos ienes para as viagens de navio é a coisa mais lógica (...). (IDEM, p.46)

Numa realidade tão difícil, a emigração, incentivada pelo governo japonês, era uma das poucas soluções possíveis para esses trabalhadores, cujos sentimentos eram de abandono após anos servindo ao país, como revela o trecho a seguir:

Eu acho que os imigrantes são como folhas secas. Viveram na aldeia enquanto puderam – enquanto eram como folhas verdes... quando não puderam viver mais, secaram e caíram. Ao cair, então, juntaram-se aqui, não é? O alojamento é como um local onde se juntam montes de folhas secas, sopradas pelo vento. E essas folhas, quando chegarem ao Brasil, brotarão de novo a partir das folhas secas. (IDEM, p. 46).

Diante das suas necessidades socioeconômicas, tanto o governo japonês quanto o brasileiro, em conjunto com as companhias de emigração japonesa, trabalharam para tornar a emigração japonesa para o Brasil uma realidade e, nesse sentido, envidaram esforços para criar uma excelente imagem do país receptor. Assim, representações de fartura das terras brasileiras eram bastante comuns nas propagandas, fato que tocou o coração e a mente dos agricultores japoneses que, na época, viviam em condições muito difíceis sem o apoio do governo. No cartaz abaixo (figura 1), veiculado pelo governo japonês no começo do século XX, por exemplo,



Figura 1: Cartaz de propaganda da Companhia de Emigração Japonesa. Década de 1920.

a ênfase é dada às plantações de algodão, que estão em primeiro plano, juntamente com a bananeira, evidenciando-se a beleza e a fartura dos produtos cultivados no Brasil. Há também, em segundo plano, uma imensidão de terras com diferentes tipos de plantação, demonstrando a variedade de produção. Em meio a essa abundância está um agricultor forte e satisfeito, olhando para todas as riquezas advindas daquelas terras e de seu trabalho. Tudo isso induz os japoneses a emigrar para o Brasil. Nota-se também que no cartaz há apenas duas pessoas trabalhando na lavoura, enquanto um terceiro elemento apenas observa, o que transmite a mensagem de que com pouca gente era possível cultivar uma grande quantidade de terras.

Além do desenho, o cartaz apresenta algumas mensagens por escrito, as quais são igualmente significativas para as representações positivas que o governo japonês

e brasileiro e as companhias de emigração queriam transmitir sobre o Brasil. Por exemplo, em letras vermelhas e grandes encontramos a seguinte chamada: **Venha ser proprietário de terras no Brasil!** Logo abaixo, são destacados os benefícios oferecidos, como: passagem de navio e de trem subsidiadas pelo governo, auxílio às despesas de viagem, escola, saúde e trabalho. O cartaz informa também que o país receptor é um local seguro e tranqüilo para morar.

Um outro cartaz (figura 2), de 1925, de uma companhia de emigração, também revela as representações do Brasil às quais a sociedade japonesa foi exposta.

A cor preta faz um contraste com as imagens em branco, que estão colocadas em dois planos. Ao fundo, o mapa da América do Sul destacando o Brasil e o Peru, por meio de seus nomes. Entretanto, a grandeza do Brasil é evidenciada em relação aos



Figura 2: Cartaz de propaganda da companhia de emigração japonesa KKKK. Década de 1920. Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil. In.: LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

outros países. Assim, em primeiro plano, surge a figura de um emigrante: jovem, forte, másculo e saudável, levando sua ferramenta de trabalho e sua família e convocando outros japoneses para partir por meio dos dizeres: Agora vamos, levando a família para a América do Sul!

Ao compararmos os dois cartazes, observamos que, ao contrário do primeiro, que evidencia a fartura das terras brasileiras, isto é, mostra o país como um lugar onde era fácil ganhar dinheiro, visto que as terras eram férteis, o segundo coloca em destaque a figura do emigrante, uma pessoa de boa aparência, jovem e forte, isto é, apta para o trabalho no campo. Tais referências indicam que, além do trabalho de convencer os japoneses a irem para o Brasil, o governo nipônico precisava convencer também o governo e o povo brasileiros de que os japoneses eram aptos ao trabalho agrícola, tendo em vista as várias restrições de entrada de orientais no Brasil.

Corroborando a imagem do Brasil como lugar de fartura e dinheiro fácil e do japonês como trabalhador e desbravador, tem-se a canção de despedida que as crianças cantavam para os emigrantes na partida do navio no porto de Kobe:

*Avante companheiros, além- mar.
Ao Brasil, terra prometida,
Conquistar a fortuna desconhecida
Eis o corajoso desbravador.* (IDEM, p.95)

Percebemos assim que, no imaginário japonês, o Brasil era um local ideal para trabalhar e morar, a terra prometida onde conquistariam a *fortuna desconhecida*, porque eles, os imigrantes, eram *corajosos desbravadores*. Os cartazes e a canção eram poderosos instrumentos de persuasão utilizados pelos governantes a fim de induzir os japoneses a emigrar para o Brasil. No entanto, o brio e a coragem desses imigrantes arrefeciam quando eles chegavam a terras brasileiras e se deparavam com uma realidade bem diferente daquela insinuada.

Como se sabe, o governo brasileiro, desde as primeiras tentativas de trazer imigrantes para o país em meados do século XIX, sempre evitou os orientais. Em primeiro lugar os chineses, cujo estereótipo de consumidores de ópio, inassimiláveis e preguiçosos atravessou fronteiras e passou a fazer parte também do imaginário brasileiro, via EUA. Os preconceitos contra os chineses acabaram recaindo sobre os japoneses. Nesse sentido, parte da elite brasileira era contra a vinda desses imigrantes, visto que a raça amarela não coadunava com o projeto de branqueamento que a sociedade brasileira propugnava havia décadas. Entretanto, a necessidade de mão-de-obra nas lavouras e de expansão do mercado consumidor de café para além dos EUA e Europa fez muitos fazendeiros paulistas mudarem de idéia (LESSER, 2001). Nesse contexto, a subvenção dada pelo governo paulista e, posteriormente, pelo governo

japonês aos imigrantes japoneses privilegiava os trabalhadores rurais. Porém, além destes, vieram também, desde a primeira leva em 1908, artesãos, empregados de fábricas e profissionais liberais.

No romance de Ishikawa, a maioria dos personagens é composta por trabalhadores rurais, mas há ainda um pequeno grupo de ex-funcionários de fábricas falidas, aventureiros urbanos (como é o caso do próprio autor), além de proprietários de terras, como o personagem do sr. Katsuta, que, percebendo a crise no setor agrícola japonês, resolve comprar terras na Colônia Aliança² no Brasil como forma de diversificar seus rendimentos. Um outro caso é o do personagem sr. Horiuchi, imigrante que estava indo para o Brasil pela segunda vez, após ter voltado ao Japão com o intuito de deixar seu filho com o irmão para proporcionar à criança a oportunidade de receber uma “educação de qualidade”. E ainda o sr. Kantaro Kanuma, que se tornara rico no Brasil e proprietário de terras e havia voltado à terra natal, apenas para buscar os pais e viverem todos, definitivamente, em terras brasileiras. Por meio desses personagens, Ishikawa compõe um interessante quadro dos significados que o Brasil poderia ter para os nipônicos: um lugar de enriquecimento fácil, de oportunidades de negócios lucrativos e também de permanência definitiva. Portanto, apesar de, ao longo do romance, o autor fazer críticas ao país receptor, caracterizando-o como uma terra distante, isolada, de trabalho árduo e pouco ganho, e denunciar as condições a que os emigrantes eram submetidos desde o momento em que chegavam a Kobe até o trabalho no campo, ele, por outro lado, mostra a complexidade que envolvia o processo de imigração e o ser um imigrante, além dos diferentes olhares que se poderia ter sobre tais questões, dependendo dos interesses, dos projetos e das oportunidades e também dos infortúnios a que todos estavam sujeitos.

O autor, que retrata a realidade dos agricultores no Japão e faz uma denúncia social em seu romance, também demonstra o desconhecimento dos emigrantes japoneses, inclusive daqueles que viajavam pela segunda vez ao Brasil, com relação à sociedade brasileira. Ishikawa mostra a visão estereotipada e simplista dos japoneses acerca da sociedade e do povo brasileiros, que se resumiriam numa nação de negros e mulatos loucos por dança, como revela o trecho abaixo, no qual o personagem Horiuchi se refere ao hábito e ao gosto dos brasileiros pela dança: — *No Brasil, as pessoas costumam dançar bastante. Nas noites de sábado, os negros e os mulatos se reúnem e dançam com o pé.* Tais imagens devem-se, em grande parte, a diversos fatores, como o isolamento dos imigrantes em suas colônias, devido à distância entre

2. O núcleo Aliança foi fundado no dia 1º de outubro de 1924, com a compra de uma área de 2.200 alqueires. Foi um empreendimento organizado e financiado pelo governo japonês e destinava-se a acolher emigrantes da classe média japonesa, que no período passava por dificuldades. Recebeu grande número de intelectuais e profissionais liberais (HANDA, 1987).

uma fazenda e outra, a dificuldade de comunicação e a vontade de preservar a cultura japonesa em terras estrangeiras.

Em geral, os imigrantes japoneses não tinham, inicialmente, muito interesse em conhecer a cultura e o modo de vida dos brasileiros. Eles acreditavam que simples gestos e poucas palavras seriam suficientes para um bom relacionamento com estes. Todos os imigrantes tiveram um curso preparatório sobre o Brasil, na hospedaria e durante a viagem de navio, que incluía aulas de Português básico e de culinária. Os japoneses foram orientados a vestir roupas ocidentais todas as vezes que desembarcassem do navio, para que não sofressem discriminações, e as mulheres japonesas não poderiam carregar mais seus filhos nas costas, como estavam habituadas, pelo fato de isso causar estranheza aos olhos ocidentais; por fim, alguns imigrantes nipônicos usavam um crucifixo (sem ao menos saberem o seu real simbolismo) por acreditarem que isso facilitaria a aceitação deles no Brasil.

Dentro da obra, Ishikawa mostra que os japoneses estavam mais preocupados com o cotidiano e as condições de trabalho no Brasil, e que a maioria deles não esperava encontrar muitas dificuldades, como podemos constatar no trecho abaixo:

O trabalho não me parece ser preocupante, pensou o senhor Katsuta. Basta trabalhar para poder comer. A terra é fértil, o clima é bom e o custo de vida é baixo. É um paraíso na terra! Pensou ele (Ishikawa, 2008, p.36)

Logo em seguida, o autor revela a verdadeira situação ignorada ou mal-compreendida pelo senhor Katsuta:

No entanto, não fora bem isso que o senhor Horiuchi havia dito. O trabalho nas lavouras de café, em comparação com o Japão, era também difícil. No que dizia respeito à pobreza, não havia diferenças. Na verdade, entre os imigrantes, não havia um que conhecesse realmente o Brasil; era apenas uma fantasia – falava-se dos pontos bons do Brasil, acrescidos dos aspectos positivos do Japão. No entanto, a verdadeira face do Brasil era terrível. (IDEM, p.36 e 37)

O autor prossegue contando sobre os inúmeros perigos que existiam no Brasil: animais selvagens e peçonhentos, malária, falta de médicos no vilarejo afastado, sem acesso a rádio, jornais ou revistas. E ele completa: *esse tipo de coisa não era do conhecimento de nenhum emigrante*. Entretanto, Ishikawa tinha a consciência de que, mesmo em condições tão precárias, as zonas rurais brasileiras ainda seriam uma melhor opção aos emigrantes em comparação às constantes ameaças do cotidiano japonês.

Enfim, *Sôbô* traz à baila facetas não reveladas ou trabalhadas pela historiografia brasileira e, principalmente, lança o olhar de um japonês sobre o Brasil e sua cultura. Com certeza, muitos japoneses mantiveram a imagem de fartura das terras brasileiras até o último momento antes do desembarque no porto de Santos, por ignorância ou por desespero. Sem esperança de uma vida melhor em sua terra natal, muito das representações sobre o Brasil construídas pelos imigrantes japoneses deveu-se, também, à vontade e necessidade desse povo de acreditar no Eldorado.

Referências bibliográficas

FAUSTO, Boris, "Imigração: cortes e continuidades". In: Lília Moritz Schwarcz (org.). *História da vida privada no Brasil*, vol. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HANDA, Tomoo. *O imigrante Japonês: história de sua vida no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz/ EDUSP, 1987.

ISHIKAWA, Tatsuzô. *Sôbô. Uma saga da imigração japonesa*. Tradução: Maria Fusako Tomimatsu, Mônica Setuyo Okamoto e Takao Namekata. São Paulo: Ateliê, 2008.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *A imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908-1922)*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1973.